



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

HELENA FERREIRA DO NASCIMENTO

**AUTISMO, EMOCIONALIDADE E SOCIALIZAÇÃO: O RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O RAVI**

BRASÍLIA – DF

2023

HELENA FERREIRA DO NASCIMENTO

AUTISMO, EMOCIONALIDADE E SOCIALIZAÇÃO: O RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O RAVI

Trabalho de conclusão de curso em artigo apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Saulo Pequeno Nogueira Florencio (Orientador)
Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF/FE/UnB)

Profa. Dra. Cristina Massot Madeira Coelho
Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF/FE/UnB)

Dra. Daniela Barros Pontes e Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação UnB (PPGE/FE/UnB)

Prof. Dr. Murilo Silva Rezende
Núcleo de Educação a Distância (NEAD/UniCEUB)

BRASÍLIA – DF

2023

Na NASCIMENTO, Helena Ferreira do
AUTISMO, EMOCIONALIDADE E SOCIALIZAÇÃO: O RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O RAVI / Helena Ferreira do
NASCIMENTO; orientador Saulo Pequeno Nogueira FLORENCIO. --
Brasília, 2023.
28 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Pedagogia) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. Educação. 2. Espectro Autista. 3. Educação Inclusiva.
4. Teoria Histórico-Cultural. I. FLORENCIO, Saulo Pequeno
Nogueira, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à Deus, pela oportunidade de me dar o ar da vida para chegar até aqui, agradeço imensamente aos meus pais, por serem fundamentais em me dar uma infância linda e fazerem de tudo para que eu chegasse até aqui sem me faltar nada e sempre me apoiando em todos os meus momentos bons e ruins. Tenho uma enorme gratidão as minhas companheiras de graduação por estarem ao meu lado e viverem essa experiência da graduação junto a mim, fazendo com que essa fase fosse uma fase leve, tranquila, divertida e além de tudo gratificante, sem o apoio delas creio que eu não estaria chegado até aqui. Agradeço ao meu namorado, Arthur, por ter me apoiado desde o início e ter me dado forças quando eu estava prestes a desistir, e por ter sido ouvinte de todos os meus momentos de desespero, e por ser meu propulsor durante essa jornada de escrita.

Agradeço imensamente ao Saulo que foi o melhor orientador que eu poderia ter, e a Daniela que foi a pessoa que me permitiu estar aqui apresentando esse artigo, me ajudando e me acolhendo desde o início e foram companheiros que me fizeram alcançar a todas as minhas possibilidades. Agradeço imensamente a minha grande amiga e parceira Laís Caetano, que eu tive a oportunidade incrível de trabalhar ao lado dela durante esse ano de 2023, ela foi a primeira pessoa a me impulsionar e a ficar alegre com o começo de minha pesquisa, ela foi responsável por me dar as primeiras instruções de como eu deveria começar, e ela foi parceira durante todas as minhas manhãs de trabalho, e foi uma professora para mim, me proporcionando um enorme conhecimento.

Agradeço as oportunidades de estágio que a pedagogia me deu, todas foram muito importantes, algumas foram bem sofridas de viver e outras foram leves e alegres como devem ser. O meu maior agradecimento vai para a criança que me inspirou para escrever esse trabalho, o Ravi, com apenas 6 anos o Ravi mudou a minha vida, me fez enxergar a vida com outros olhos, e tenho uma gratidão imensa ao Ravi e a sua família, por me acolherem e também por me impulsionarem nesse processo. Creio que nada acontece por acaso, cada pessoa que já passou pela minha vida fez parte desse processo.

RESUMO

O intuito desse artigo é mostrar a minha visão de pedagoga, atuando dentro de sala, de como as emoções estão ligadas com a socialização, e como as amizades e os exemplos são importantes para o desenvolvimento de uma criança no espectro autista em sala de aula. O artigo relata a minha experiência com o estudante Ravi e seu convívio social, o objetivo é relatar como o Ravi cresceu e vem se tornando mais participativo nos momentos de atividades, mais socialmente adaptado aos pares e demonstrando confiança com as professoras e sendo mais aberto a outros colegas. No início do ano tinha preferência por 3 amigos, mas ao longo do primeiro semestre foi se mostrando aberto a conhecer outros colegas, e atualmente relata suas vontades aos pares e participa das brincadeiras propostas. O motivo de ter escolhido este tema e abordagem foi devido à minha convivência como pedagoga com o Ravi, que contribuiu muito com minha perspectiva e a relação com a profissão que eu quero seguir. O estudo apresenta características do Ravi em seu convívio social, e reflete sobre a escola e o seu processo de desenvolvimento, com foco nas suas emoções, no convívio com os colegas de turma, com as professoras e a relação de afetividade adquirida ao longo do ano.

Palavras-chave: Educação; Espectro Autista; Educação Inclusiva; Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

The article displays my work as a pedagogue in classroom work, about how the emotions connect to friendship, and how friendship and experiences are important to the development of a child in autism spectrum. The text reports my experience with the student Ravi and his social conviviality, showing his growth and increase of participation in school activities, social adaptation with classmates and teachers. At the beginning he had preference for three friends, and along the semester he opened to other classmates, so far that talk about his preferences to pairs and participate in the playing activities. This theme was chosen due to my relationship with Ravi as a teacher that contributed in many ways to my thoughts and perception of the profession. The thoughts weight upon the school, on Ravi's emotions and relationships with teachers and classmates, and how it changed and developed throughout a year.

Keywords: Education; Autism Spectrum; Inclusive Education; Historical-Cultural Theory.

SUMÁRIO

MEMORIAL	8
INTRODUÇÃO.....	10
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
METODOLOGIA.....	16
DISCUSSÃO	19
COM O QUE EU SONHO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE	28

MEMORIAL

Começo as minhas palavras agradecendo a oportunidade de escrever este artigo, e acredito que possa ser de grande importância a leitura. O meu trabalho realmente começou a ser realizado após o contato com o autismo no segundo estágio realizado na área da educação, mas a minha relação com a educação inclusiva começou antes mesmo de entrar na faculdade.

Nunca tive uma família muito grande, mas o pouco que tenho, é o suficiente para me inspirar e me acolher, por conta de traumas passados, também nunca fui muito ligada à outra parte paterna da minha família. Porém, desde a minha infância mantive contato com uma tia, que se tornou minha madrinha quando eu tinha 5 anos de idade, ela tinha uma filha com síndrome de Down. A minha prima com toda certeza foi a minha maior inspiração para o início desta pesquisa. Convivi com ela a maior parte da minha infância, tenho ótimas memórias com ela, infelizmente hoje não tenho a oportunidade de criar novas memórias, pois ela veio a falecer com os seus 20 anos, enquanto eu tinha 15.

Desde que eu era criança, os meus pais me explicavam como ela era especial e como ela deveria ser tratada de forma especial, e todos os cuidados que eu deveria tomar com ela. Eu sempre obedeci e sempre quis me aproximar mais dela, sempre fui fascinada pelo jeito dela, como ela era ingênua, gentil, com um coração enorme, e qualquer pessoa que fazia algo para agradá-la, ela dizia "te amo", ela falava que amava as pessoas muito facilmente, mas era a forma de agradecê-las.

Eu sempre fui muito ligada à minha prima e eu sempre pesquisava novas formas de como ajudá-la, como me aproximar mais dela, como conseguir ensiná-la a fazer tarefas simples que ela ainda não conseguia fazer.

Pois bem, as dúvidas que eu tinha em relação a como me aproximar e ajudar mais a minha prima, foram sumindo, por conta do tempo e da distância, pois eu fui morar em uma cidade muito longe de onde ela morava, e quando eu completei 15 anos, ela veio a falecer.

Então, consegui entrar na universidade pública com 17 anos, quando comecei a minha graduação em pedagogia, a única dúvida que eu tinha era como eu conseguiria realizar a transferência para o curso de direito na Universidade de Brasília, sim, a minha

primeira opção era direito, e essa vontade de fazer direito veio de uma tia minha, que fazia direito e me deu o meu primeiro, e único, vade-mécum, o livro que eu adorei ler, e que me proporcionou muitos conhecimentos, mas hoje não me imagino sendo uma advogada ou algo ligado a área do direito.

Pois bem, entrei na faculdade de pedagogia, e logo após a quarentena, o COVID e a pandemia vieram juntos. Atrasei 6 meses para dar início ao curso, com zero vontade de estudar a área da educação e os editais de transferência de curso estavam todos suspensos, então, fiz 1 ano de faculdade em casa, trancando quase todas as matérias.

Após 1 ano e 6 meses em casa, eu consegui um estágio de pedagogia em um colégio muito bom e renomado, eu moro na Santa Maria e trabalhava na Asa Sul, era mais de 1 hora todos os dias para conseguir chegar ao trabalho, e eu ainda não estava apaixonada pelo meu curso de graduação.

Nesse estágio, tive a oportunidade de passar desde a educação infantil até o 5º ano do fundamental, pude trabalhar e conhecer muitas pessoas, e fazer muitas amizades que levo até hoje, inclusive, tive a oportunidade de conhecer o amor da minha vida neste primeiro estágio. Essa oportunidade me trouxe muito conhecimento e me trouxe uma paixão avassaladora pela educação, porém, como nada é tão perfeito, esse estágio também era muito cansativo e eu fazia funções que não eram funções de estagiária, e por ser um colégio muito grande, qualquer erro, ou a ausência, eram motivos de advertências e broncas.

E pouco tempo consegui outro estágio, em uma instituição maior, e foi ali que eu realmente pude me conhecer e ver que eu realmente sou uma professora, uma professora que luta pela educação e pelo bem-estar das crianças, e uma professora que busca mais conhecimento para conseguir lidar com todas as demandas que o meu aluno de inclusão precisa, além disso, eu acordo todos os dias com vontade de dar o meu melhor, e me sinto valorizada e acolhida.

E eu digo que a minha pesquisa e o meu amor verdadeiro para trabalhar com esse tema começou assim, começou na infância, com a minha prima, que foi a melhor prima e inspiração que eu poderia ter, e nos estágios que me foram proporcionando experiências reais de trabalhar com a educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

Nessa jornada de experiências no campo de trabalho da pedagogia, eu consegui realizar dois estágios em escolas privadas, o primeiro estágio não foi dos melhores, por uma questão de aprendizagem, infelizmente, no local em que eu estava, não havia possibilidades amplas de aprender e não havia oportunidades de colocar os meus conhecimentos adquiridos na Universidade em prática. Entretanto, por ser uma escola bem grande, e eu estar em um momento em que dependia da bolsa do estágio, continuei na instituição por 1 ano e 6 meses.

Quando eu realizava esse primeiro estágio a pandemia estava no seu ápice, durante um tempo as aulas foram virtuais, e por isso dificultou ainda mais o meu processo de descobrimento real do que era uma instituição de ensino funcionando na sua regularidade, com aulas totalmente presenciais.

Vivenciando a primeira experiência profissional, me deparei com várias irregularidades seguidas pela escola, e também a forma de como a equipe da docência era regrada por livros didáticos e uma coordenação que seguia apenas as demandas das autoridades, e não havia novas formas de aprendizagem e não havia um suporte eficiente para crianças com necessidades específicas, todo esse sistema não me era muito atrativo, então, passando por esse momento, eu cogitei inúmeras vezes por trancar, pois, não me via realizando esse tipo de trabalho, onde os professores não tinham autonomia o suficiente para poder dar aulas que não fossem baseadas em um livro didático.

Aberta as possibilidades, depois de 1 ano e 6 meses, realizei um processo seletivo para uma nova escola, atualmente ainda estou trabalhando nessa instituição de ensino, e é aqui que começou o meu processo de pesquisa, através do meu novo estágio, tive inúmeras oportunidades de crescimento, e eu realmente me encontrei na educação infantil, e também foi o primeiro contato que eu tive com a área da inclusão escolar, assim que eu entrei na instituição, eu estava com as expectativas bem baixas, e não tinha vontade de crescer na profissão, a vontade era apenas de me formar rápido, para que assim eu pudesse conseguir um outro emprego.

Mas às vezes somos surpreendidos por oportunidades que mudam a nossa perspectiva, o meu novo emprego me fez enxergar uma parte do curso que eu não sabia

que seria tão significativa para mim, a área da inclusão escolar me acolheu e me fez mudar a minha visão de como seria ser professora, e me deu motivação para continuar estudando e dando o meu máximo para alcançar o meu êxito profissional na área da inclusão.

Em especial, o fator que me fez enxergar a docência com outros olhos, foi o Ravi, de 5 anos, é uma criança no espectro autista, e a minha vida mudou muito após a presença do Ravi, com um olhar diferente do mundo, e que consegue alegrar todos ao seu redor.

O meu contato com Ravi começou em fevereiro de 2023, também a primeira experiência com o autismo, mas essa criança com certeza mudou o meu olhar de mundo e de pedagoga, me deu forças para continuar com meus estudos e querer ainda mais me especializar nessa área.

O Ravi é uma criança que tem suas especificidades, ele não gosta de fazer muitas atividades por dia, mas ele se esforça muito para conseguir terminar uma atividade o mais rápido possível, ele também tem preferências pelos pares, ele se adequa a todos os ambientes, nos passeios ele se diverte muito, mesmo ficando fora da rotina.

O meu conhecimento de estudante todos os dias são ampliados por conta do meu convívio com o Ravi, durante esses meses trabalhando com ele, eu pude me descobrir uma nova pedagoga, eu me esforço para atender a todas as suas demandas, tento enxergar as suas maiores dificuldades e tento também resolvê-las, tendo em vista o meu papel de referência dele.

Ravi é uma criança muito assistida, ele tem um acompanhamento que o faz melhorar em certas características de crianças no espectro autista, como por exemplo, ele não tem movimento de flapping, ele não tem crises de choro frequentes, ele não se desregula ao sair da rotina, ou se houver mudanças nos horários ele também consegue se adaptar, a alimentação dele também é muito boa, ele sempre está aberto a experimentar alimentos novos e diferentes.

Ao decorrer do ano consegui fazer com que ele me visse como figura de referência, para que ele possa expressar suas vontades, seus desejos e também suas preocupações comigo. O Ravi antes de ser diagnosticado com autismo foi aberto uma investigação de apraxia da fala, então até hoje ele tem uma dificuldade de formar frases grandes e a sua fala é mais nasal.

Na etapa em que estou realizando agora, que é a escrita deste artigo, eu não consegui pensar em outro assunto para abordar que não fosse relacionado ao espectro autista, pois após a minha convivência com o Ravi, eu precisava fazer com que ele fosse marcado em alguma parte da minha trajetória acadêmica, pois foi por isso que eu tive o privilégio de conviver com ele.

Irei abordar no meu artigo como o Ravi se sente diante dos pares, e como as amizades são muito importantes no processo de adaptação de uma criança que está no espectro autista, levando em conta a minha experiência e também os embasamentos teóricos necessários para argumentar as minhas falas no meu trabalho.

As questões que eu busco responder neste artigo são: como uma criança que está no espectro autista se relaciona socialmente? Como o convívio social está diretamente ligado ao desenvolvimento? Como a afetividade é importante no processo de aprendizagem? São essas as perguntas que norteiam este artigo, são perguntas que após a minha trajetória como pedagoga, ficaram muito recorrentes em minha percepção profissional.

O objetivo desta pesquisa é compreender o desenvolvimento das emoções de uma criança que tem o transtorno do Espectro Autista no contexto de socialização no ambiente escolar.

E abordar com relatos de experiência as emoções, os métodos que foram necessários para o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança no espectro autista, e também se espera com esta pesquisa contribuir com a compreensão a respeito do autismo e do desenvolvimento das crianças neurodivergentes no ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa seção irei trazer embasamentos teóricos sobre o autismo, o papel da docência na vida de uma criança com desenvolvimento atípico, o brincar de uma criança neurodivergente, a imaginação e o brincar, a afetividade no processo de aprendizagem. E essa pesquisa tem como base a perspectiva histórico-cultural, na teoria de Vigotski.

O autismo é caracterizado por padrões de comportamento, interesses e atividades restritos, repetitivos e estereotipados. Isto toma a forma de uma tendência a impor rigidez e rotina a uma ampla série de aspectos do funcionamento diário; usualmente, isto se aplica tanto a atividades novas como a hábitos familiares e a padrões de brincadeiras. (Organização Mundial da Saúde, 1993, p. 248).

A presente pesquisa tem como referencial teórico a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, “A criança cujo desenvolvimento está complicado por um defeito não é simplesmente menos desenvolvida que seus pares normais, mas se desenvolve de outro modo” (VIGOTSKI, 1997, p. 12). De acordo com a visão de Vigotski não é a dificuldade que a criança tem que vai defini-lo, mas sim o modo como ele é visto, e o modo como se vai trabalhar a inclusão da criança dentro do ambiente escolar, visto que a escola é um lugar fundamental para a criança no espectro autista e para o seu desenvolvimento.

Dentro dessa percepção, a criança no espectro autista deve ser vista como um sujeito com especificidades e necessidades especiais, e deve ser incluído em todos os processos de aprendizagem, viabilizando esses processos para que atendam às necessidades específicas de uma criança com neurodivergência.

O conceito “neurodiversidade” tenta salientar que a “conexão neurológica” (neurological wiring) atípica (ou neurodivergente) não é, como vimos, uma doença a ser tratada e se for possível curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Eles são “neurologicamente diferentes”, ou “neuroatípicos”. (ORTEGA, Francisco, 2009)

A brincadeira é uma parte fundamental de desenvolvimento na infância, pois, como fala Vigotski (1984):

No brincar, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento, sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (p.117)

Concordando com Vigotski o papel do brincar na infância é fundamental, o autor também destaca em sua teoria a importância das relações, e o convívio social sendo o ponto principal para a total aprendizagem do sujeito. Portanto se torna necessário viabilizar a criança autista aos meios de relações sociais, buscado a inclusão no primeiro espaço de convívio, que é a escola.

A teoria histórico-cultural destaca a importância que se tem das relações humanas, principalmente quanto ao aprendizado do sujeito através do processo de mediação simbólica, uma vez que Vigotski destaca que seu ponto principal é a obtenção de experiências pela pessoa em meio social (VIGOTSKI, 1998).

Vigotski traz as relações sociais como parte fundamental do desenvolvimento humano, ele reforça a importância de como a aprendizagem está diretamente ligada a relação entre os pares.

Vigotski identificou que as escolas para crianças com deficiência organizavam-se a partir de uma visão fatalista e assistencial, baseada em treinos sensório-motores e totalmente apartadas da vida social.

A escola especial encerra o estudante em um estreito círculo de coletividade que cria um microcosmo apartado, “onde tudo está acomodado e adaptado ao defeito da criança, tudo está centrado na insuficiência física e não a introduz na vida autêntica” (VIGOTSKI, 1997, p. 59)

Vigotski (1997) quando estabelece que o destino da pessoa com deficiência é definido, em última instância, não pela insuficiência-deficiência em si, mas por “suas consequências sociais, sua realização psicossocial” (VIGOTSKI, 1997, p. 19).

“As peculiaridades psicológicas da criança deficiente têm em sua base um núcleo não biológico, mas social” (VIGOTSKI, 1997, p. 81). Essa fala de Vigotski tem como base a deficiência em como ela é vista, Vigotski trata a deficiência também como um problema social.

Vigotski relata que é necessário propor soluções práticas para o enfrentamento dos problemas sociais, o avanço das propostas pedagógicas para as pessoas com neurodivergência estaria na educação social, “a tarefa consiste e vincula a pedagogia da infância deficiente com os princípios e métodos gerais da educação social” (VIGOTSKI,

1997, p. 59); e, “unicamente em que ali esses são problemas de caridade social, mas para nós se trata de questões de educação social” (VIGOTSKI, 1997, p. 71).

Vigotski (1997) aponta que a educação especial deve estar subordinada à educação social, “deve fundir organicamente com ela” (p. 81), mas não diz necessariamente que não há técnicas específicas para a aprendizagem de uma criança neurodivergente, para cada caso é necessário propostas pedagógicas que atendam às suas necessidades específicas.

No faz de conta, ao incorporar (e ao mesmo tempo recriar) os elementos de sua realidade, a criança passa a atuar pela situação imaginária, desvinculando-se do campo concreto imediato. Para além da apropriação da cultura, a brincadeira possibilita a ampliação do universo cognitivo da criança, que passa a agir simbolicamente por meio da flexibilização do uso funcional dos objetos, transição de significados, abstrações e generalizações (PINTO & GÓES, 2006; VIGOTSKI, 2008).

O autismo é considerado pelos principais instrumentos de diagnóstico (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM e Classificação Internacional de Doenças – CID) como um transtorno do desenvolvimento, caracterizado por apresentar prejuízos nas relações sociais, na comunicação e na imaginação (Tríade de Prejuízos).

O autismo é caracterizado por prejuízos e comportamentos que não são esperados por uma criança que não se engloba dentro desse transtorno. O autismo afeta à interação social, à comunicação e a comportamentos, que poderão variar em menor ou maior agravo para a criança que apresente comportamentos restritivos, repetitivos e estereotipados.

A afetividade é uma condição humana, e faz parte do processo de ensino-aprendizagem (FERREIRA, GABRIELA, 2019; RIBEIRO, PAULO, 2019). Como explica Dewey (1959, p. 86), a Educação tem como eixo norteador a vida e experiência e aprendizagem. Levando em consideração a afetividade e as experiências do indivíduo como um dos fatores que promove a educação, concordando com Vigotski, em sua teoria ele coloca a criança como um ser que passa por todas as experiências que o ambiente escolar promove, incluindo a afetividade, que está ligada com o processo de ensino, e a organização do ambiente educativo realizada por professoras e professores é responsável por fazer a criança estar incluída em todos esses processos.

Na teoria de Henry Wallon (1879-1962) a afetividade é algo imprescindível na educação, pois a afetividade e a aprendizagem são unidas:

A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (WALLON, 1999, p. 51).

Wallon diz que o estado afetivo é algo que pode ir para dois caminhos, ou irá facilitar o caminho de aprendizagem ou irá dificultar, porque o estado afetivo influencia diretamente no estado cognitivo, porque quando se tem um ambiente afetivo, de bem-estar, acolhimento e sentimentos de alegria, o processo de aprendizagem se torna mais vantajoso e proveitoso para a criança, pois, ela se sente pertencente e capaz de alcançar todas as possibilidades.

A imaginação é o novo que está ausente na consciência da criança na primeira infância, absolutamente ausente nos animais, e representa uma forma especificamente humana de atividade da consciência; e, como todas as funções da consciência, forma-se originalmente na ação (VIGOTSKI, 2008, p. 25).

Como diz Vigotski, a imaginação é o novo estado em que a criança deve ser inserida, como todas as funções que são realizadas pela consciência que são formadas pela ação, a imaginação também deve ser trabalhada na criança.

Na próxima sessão eu irei abordar quais foram os métodos utilizados para esse trabalho, utilizando relatos de experiência, abordando métodos utilizados, como se deu o meu contato com a criança e qual foi o tempo em que essa pesquisa teve para ser realizada.

METODOLOGIA

Em outubro de 2022, fui chamada para participar de um processo seletivo para uma vaga de estágio, a vaga era para a educação infantil, um seguimento que eu nunca tinha adentrado antes, mas logo fiquei ansiosa, porque é uma instituição de ensino muito renomada. Após algumas semanas eu recebi a notícia de que eu teria aprovada nessa entrevista e que eu iria iniciar no dia 16 de janeiro de 2023.

Não posso negar que eu fiquei extremamente feliz, porém o medo tomou conta, porque a educação infantil era um momento da educação que eu nunca me senti capaz de ingressar, porque eu achava que não conseguiria lidar com as crianças pequenas, mas eu também estava feliz com essa nova etapa e eu não poderia desperdiçar essa nova oportunidade.

No dia 16 de janeiro, fui informada que ficaria no seguimento do Infantil 5, em uma sala que teria 18 crianças, e uma delas é uma criança autista. Logo de cara foi meio desesperador, porque eu não saberia como lidar com essa criança, eu já não me sentia capaz de estar na educação infantil, e obviamente me sentia menos capaz ainda de ter o dever e a responsabilidade de acompanhar uma criança que está no espectro autista.

As aulas se iniciaram dia 30 de janeiro de 2023, e eu tive o privilégio de conhecer o Ravi, lembro do primeiro dia como se fosse ontem. O Ravi chegou na sala acompanhado dos pais e a professora regente foi recebê-lo. O Ravi logo se interessou por peças de lego e carrinhos, mas no início eu demorei um pouco para conseguir uma relação afetiva com ele, mas não parei de tentar.

Logo percebi que o Ravi era uma criança muito ativa, e gostava muito de brincadeiras, e eu estava me adaptando a ele e ele a mim, foi um processo no qual foram ambos se conhecendo melhor. Nesse processo eu estava estudando muito, porque eu queria dar o meu melhor a ele, eu queria fazê-lo se sentir pertencente ao grupo, melhorar a nossa relação até o ponto em que ele me visse como referência, e eu fui conseguindo através de muita conversa, de muita escuta, muito acolhimento e muita brincadeira, o Ravi me fez enxergar um lado da brincadeira que eu não conhecia, que era relacionar a brincadeira com a aprendizagem.

Os meus momentos com o Ravi são sempre muito alegres, muito felizes e com muitas brincadeiras e escutas, eu consegui com que o Ravi me reconhecesse dentro da sala de aula como uma pessoa de apoio, uma pessoa na qual ele pode contar para escutá-lo e acolhê-lo. O Ravi sempre me procura quando ele precisa de algo, seja de uma ajuda para amarrar um cadarço, tirar uma dúvida e até acalmar o seu choro.

Costumo dizer que o meu processo de descobertas com o Ravi começou quando eu pude ver as possibilidades que ele é capaz de alcançar, e eu me preparei e ainda me preparo para fazê-lo chegar até o ápice de suas possibilidades, seja em uma atividade, ou o incentivando a ter a sua autonomia e tentando entender as suas emoções e conseguir resolver junto a ele.

Hoje, eu tenho momentos de atividades e brincadeiras com o Ravi, nós conseguimos nos relacionar bem nos dois momentos, após, aproximadamente, três meses de convivência, utilizando objetos como letras de madeira, quadro de giz, o ajudando a escrever e trabalhando também o seu movimento de pega correta do lápis, o Ravi conseguiu aumentar o seu tempo de concentração nas atividades, tendo mais foco e também buscando realizar as atividades juntamente com os colegas.

A meu ver o que mais me ajudou a trabalhar esse momento de concentração foi a valorização do empenho dele, sempre o parabenizando por mais uma atividade concluída, o incentivando a fazer mais atividade, sempre oferecendo ajuda e também o afeto da turma foi crucial nesse processo, o Ravi se sente muito feliz e conseqüentemente se sente mais valorizado quando eu mostro as suas produções para a turma.

Após essas tentativas eficazes para o tempo de foco e o avanço em seu aspecto fonológico da linguagem e em seus conhecimentos e em seus conhecimentos de alfabeto e numerais, o Ravi atualmente vem tentando realizar as atividades sozinho, e tem tido êxito, ele está conseguindo realizar atividades de contagem e de pintura sozinho, nas atividades de escrita é necessário mais apoio, mas a sua autonomia e foco estão permitindo com que ele consiga realizar muitas coisas sozinho.

Atualmente, eu e o Ravi temos 10 meses de convivência, e hoje temos uma relação muito afetuosa, hoje eu sinto que eu sou capaz de ser uma pessoa melhor, porque para mim é uma enorme conquista fazer com que o Ravi me enxergue como uma pessoa de referência, e eu me orgulho muito da evolução constante do Ravi, e sou muito grata por sua participação no meu caminho profissional.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, foi percorrido o caminho metodológico de observação no meu estágio, tendo uma participação efetiva na vida de uma criança no espectro autista. Durante todo o meu estágio eu estive observando e participando do desenvolvimento do Ravi.

Ao Ravi eu só consigo agradecer por conseguir me mostrar a sua doçura, seu coração e seu riso mais sincero, agradeço por ter me mostrado como sou suficiente e capaz de alcançar meus objetivos profissionais, sinto que aprendi mais com o Ravi do que ele pôde aprender comigo.

DISCUSSÃO

Conforme apresentado anteriormente na seção “referencial teórico”, Vigotski (1998) apresenta que o papel do professor é o de organizador do espaço educativo, apresentando-se como um importante parceiro no decorrer do processo de ensino e aprendizagem, alguém que motiva o aluno para a construção de seu próprio aprendizado e de seu ser.

Vigotski traz em sua teoria a concepção de que o professor tem o papel de fazer com que a criança tenha acesso a todas as suas possibilidades, e as possibilidades de uma criança serão definidas por sua situação social de desenvolvimento particular em meio à história e à cultura, e, portanto o professor tem o papel de incluir a criança em todas as formas de aprendizagem e desenvolvimento.

Na minha experiência como pedagoga, sendo estagiária em uma escola de ensino privado, no início do ano de 2023 eu soube que eu iria acompanhar uma criança que está no espectro autista, sendo assim, eu já comecei a me preparar para ser a melhor professora para essa criança, que é o Ravi.

Assim que eu recebi a notícia de em qual sala eu ficaria e qual a turma que eu iria receber, eu também conheci a antiga professora da turma, conheci ela primeiro e depois eu conheci a turma, e nesse encontro ela me falou sobre o perfil da turma, e ela teve uma frase que eu nunca esqueci, que foi: “Se prepara para ficar com o Ravi”, eu automaticamente fiquei com um receio, e eu questionei o porquê, e ela me disse que no início do ano a adaptação do Ravi foi bem difícil, nos primeiros 2 meses ele entrava chorando, precisava de apoio dos pais para poder entrar na sala, que as crises de choro eram recorrentes, e que eu já deveria pensar em estratégias para com que esse início fosse mais tranquilo.

Logo após essa fala, passou cerca de 5 dias, e eu conheci o Ravi, conheci os pais do Ravi. Assim que o Ravi entrou na sala, ele não chorou, ele não quis sair da sala, ele foi somente procurar um brinquedo para ele, e foi conhecer a sala. Naquele momento eu vi que talvez a opinião da outra professora estivesse sendo um pouco precipitada, e eu primeiro me propus a conhecer o Ravi, sem nenhum paradigma, sem levar em consideração a opinião dos outros.

E se eu fosse uma professora que levasse em consideração as opiniões de outras pessoas que conviveram com ele, com toda certeza a minha relação com ele hoje seria bem diferente.

A afetividade é uma condição humana, e faz parte do processo de ensino-aprendizagem (FERREIRA, GABRIELA, 2019; RIBEIRO, PAULO, 2019). Trazendo a citação da sessão do referencial teórico, de acordo com as minhas experiências, eu concordo plenamente com essa informação, como que o processo de evolução do Ravi é ligado diretamente com a afetividade desenvolvida com o passar do tempo na nossa relação de professor e criança.

A minha relação com o Ravi foi baseada principalmente na afetividade, na escuta e no acolhimento, como qualquer criança, o Ravi tem as suas especificidades, tem as suas emoções e tem o seu tempo. O meu relacionamento com o Ravi teve um tempo até ser estabilizada, foi necessário conhecê-lo para me permitir colocar os meus conhecimentos em prática e fazê-lo alcançar a todas as suas possibilidades.

Na sessão do referencial teórico, eu trouxe as informações de como a brincadeira e as relações sociais fazem parte do processo de aprendizagem de uma criança. Trouxe afirmações de Vigotski que em sua teoria reafirmam que brincadeira e convívio social são uma parte fundamental no desenvolvimento de uma criança.

Após a minha experiência, trago relatos de que a brincadeira é fundamental no processo de uma criança, a minha criança que está no espectro do autismo, a brincadeira se tornou uma parte do processo de desenvolvimento, como relatei na metodologia, os instrumentos que foram fundamentais estão diretamente ligados com a brincadeira, através de uma simples brincadeira durante uma atividade o Ravi conseguiu aumentar o seu tempo de foco.

Trazendo uma experiência: *“Quando fui fazer com o Ravi uma atividade letrada, no qual ele deveria colocar uma ficha que tinha uma palavra no quadro onde tinha a letra inicial da palavra, por exemplo: Umbigo, no quadro da letra U, e assim sucessivamente com todas as vogais. Fazendo esta atividade eu percebi que o Ravi já estava se entediando, e sendo assim, eu comecei a fazer uma brincadeira de caça ao tesouro de fichas, escondi algumas dentro do estojo, nas cadeiras, nos armários, e quando ele achava uma ficha, ele ia correndo preencher o quadro de letras. Após*

preencher todo o quadro e achar todas as fichas, a validação do seu trabalho foi feita por mim e pela professora regente, o parabenizando por seu esforço”.

Neste relato eu também posso trazer o exemplo de como as outras crianças também influenciam nesse processo de desenvolvimento, a afetividade social é algo muito importante no momento da inclusão.

Durante o relato citado da brincadeira de caça ao tesouro das fichas, as outras crianças também o parabenizaram pelo seu trabalho, e durante o processo da brincadeira, eles estavam torcendo para com que o Ravi conseguisse concluir, e o Ravi quando viu que todas as crianças estavam torcendo para ele, ele ficou muito animado.

Na sessão do referencial teórico, eu trouxe algumas informações de como o brincar de uma criança autista, de acordo com algumas concepções antigas e do senso comum, o brincar de uma criança autista é um brincar que não tem imaginação, não tem um convívio social.

Mas eu também trouxe informações como a de Vigotski que evidencia que o convívio social deve ser trabalhado na educação, porque sem convívio social não há desenvolvimento. E também trouxe uma afirmação muito importante e que se faz muito necessária nesse trabalho, que é quando Vigotski em uma das suas obras fala sobre a deficiência social, como a deficiência passou de ser apenas biológica, para também social.

Unindo essa afirmação ao meu trabalho, eu trago a importância de um brincar social, como a inclusão é necessária no desenvolvimento de uma criança no espectro autista, principalmente do Ravi, que é uma criança de 6 anos, que está agora em um local de convívio social, e o primeiro convívio social dele eu faço com que seja o melhor possível.

As relações sociais do Ravi dentro de sala são muito boas, por ser uma turma que está junto a 2 anos, eles já conseguem entender que o Ravi tem as suas especificidades, mas o mais importante e bonito dessa turma, é a forma em que eles se adaptam as brincadeiras, as necessidades e ao jeito do Ravi, e a todo momento eles ajudam, eles buscam sempre o ajudar em seus momentos de atividade e brincadeira.

E teve um momento no qual me chamou muita atenção e relata o que eu quero dizer em relação a importância das relações sociais: *“Um dia o Ravi estava brincando com o seu brinquedo favorito, que são peças de lego, ele montou um barco com peças de*

lego, e ele me mostrou a sua obra de arte, logo eu soltei muitas palavras de afirmação, parabenizando ele por seu empenho e criatividade. E tinha uma outra criança da turma ao meu lado nesse momento, e ele ficou encantando com a criatividade do Ravi, assim como eu, logo pegou e me disse que iria tentar fazer um igual, e eu nem precisei comentar nada, logo o Ravi se propôs a ajudar esse colega de turma, e eu fiquei olhando por um tempo esse processo de brincadeira, e quando eu vi, tinham várias crianças querendo montar o mesmo barco que o Ravi, e quem chamou as outras crianças para brincar, foi o colega do Ravi, e o Ravi muito prestativo, pois ele ajudou a todos os outros amigos que quiseram montar o barco de lego junto à ele”.

Não somente nesse momento, mas como todos os outros eu consegui ver o quanto é importante a inclusão, e todos os dias deve haver um esforço da minha parte como figura de referência na sala, reforçando a inclusão, reforçando as amizades, reforçando a ideia de que todos somos iguais, e que devemos ajudar sempre a todos.

Após esse meu relato, eu trouxe no referencial teórico a seguinte afirmação: A imaginação é o novo que está ausente na consciência da criança na primeira infância (VIGOTSKI, 2008, p. 25). Afirmando que as crianças precisam ser impulsionadas a imaginar e pensar, e como uma criança autista, de acordo com afirmações antigas e que fazem parte de um senso comum, não são crianças que brincam de uma forma imaginativa e pensante.

Mas todas as crianças precisam de repertório para poder pensar e imaginar, uma criança que está no espectro autista, também precisa desse impulso nos pensamentos, mas uma criança com neurodivergencia também tem os seus pensamentos, tem a sua imaginação e consegue brincar imaginando e criando quando se é impulsionada a isso.

A criança que inspirou esse artigo, o Ravi, é uma criança que tem muito repertório em brincar de uma forma imaginária, trazendo um relato: *“lembro-me de inúmeros dias em que eu pude presenciar o Ravi fazendo um carrinho de avião, ou, como eu disse anteriormente, fazendo uma peça de lego de barco, juntando três cadeiras da sala e fazendo de sua cama, ou do sofá de sua casa. Claro que todos os meus momentos com o Ravi me acrescentam de várias formas, mas teve uma vez que ele juntou peças de lego, e fez, segundo ele: um caminhão que pega neve da rua. Nesse dia eu fiquei encantada! E eu já estava em um processo de buscar o meu tema de TCC, e fazendo algumas leituras, eu li que crianças que tem o transtorno do espectro autista, tem a tendência de não*

conseguir brincar de forma imaginativa, e logo me veio esse momento na mente, e com a minha experiência, posso ver que o Ravi é uma criança que consegue sim imaginar e pensar.”.

Durante 1 ano convivendo com o Ravi, eu tento ser a melhor pessoa para ele, sendo acolhedora, o ensinando e também brincando com ele. Mas a nossa relação demandou de um tempo para ser construída, mas o Ravi tem demonstrado mais os seus sentimentos, pois eu tento sempre o ouvir e acolher da melhor forma, mas creio que o mais importante de toda essa construção de afetividade mútua foi na minha relação de escuta.

Escutar uma criança é parte fundamental da aprendizagem, e de acordo com Vigotski, uma criança que está dentro do conjunto de crianças neurodivergentes, tem as suas possibilidades alcançadas também pelo olhar e pelas atitudes da docência.

E com o Ravi, foi necessário conhecê-lo primeiro, escutá-lo primeiro, compreendê-lo primeiro, após esse processo, eu fui conhecendo suas preferências, suas vontades e principalmente seus sentimentos, e ele também foi uma criança que me deu a oportunidade de conhecê-lo, e hoje ele se expressa livremente para mim, expressa suas vontades, seus sentimentos e suas frustrações.

Quando eu conheci o Ravi, o seu tempo de concentração era pequeno, ele chegava a fazer 2 atividades no máximo por dia, enquanto as outras crianças conseguiam fazer até 4, e ele não era muito adepto a fazer cópias de palavras.

Ao decorrer do ano eu fui conhecendo mais o Ravi, e percebi que o seu tempo de concentração não era porque ele não queria fazer a atividade, mas sim o modo como ela era aplicada. O Ravi se interessa muito por materiais diferentes, ele gosta de tinta, cola colorida, letras de madeira, caneta permanente, canetão de quadro, giz de quadro e canetinhas. Para usar esses materiais foi necessária uma adaptação nas atividades, e com essas adaptações o Ravi foi evoluindo muito em seu tempo de foco.

Foram necessárias adaptações como plastificação de algumas atividades para poder usar tinta e canetão, algumas atividades de pintura ele pode realizar com canetinha, então as atividades foram impressas em uma folha de tamanho A4 mais grossa, e as cópias são realizadas utilizando um quadro branco pequeno. Esses instrumentos e essas adaptações foram muito necessários para o desenvolvimento do Ravi.

Ao decorrer da escrita desse trabalho, eu pude entender o que eu gostaria de abordar claramente, e um dos tópicos principais é a questão da união da brincadeira e da aprendizagem. No processo de aprendizagem do Ravi, eu aprendi muito com ele, e compreendi que uma das formas mais proveitosas de ensinar seria entrando na brincadeira junto a ele, e trazendo a brincadeira para os momentos de aprendizagem.

Lembro de um relato que traz essa forma bem claramente de como ele aproveitou uma brincadeira em uma atividade: *“Certo dia, eu estava brincando com o Ravi utilizando peças de lego, ele estava separando as peças por cores, e eu sugeri colocar as peças na ordem das cores do arco-íris, e expliquei qual seria a ordem das cores, e ele foi ajustando e colocando as peças do jeito que ele queria. Logo após ele organizar, ele quis fazer com cada cor um carrinho diferente, utilizando as peças. Depois que ele finalizou, iríamos descer para o parque. Se passou alguns dias, e foi proposto a ele fazer um desenho com vários elementos, como pessoas, avião, paisagem e céu, e ele resolveu fazer um caminhão e um avião, e eu estava o acompanhando nesta atividade, e ele me falou: “Vou fazer um carrinho arco-íris” e logo após me perguntou qual era a ordem das cores, e eu falei a ele, e ele fez tudo de arco-íris, o avião, o céu tinha um arco-íris, os carrinhos de arco-íris, e eu elogiei muito. Após o término da atividade, a professora regente perguntou a ele como ele sabia as cores do arco-íris, ele relatou que eu havia o ensinado, e que ele tinha gostado da ordem das cores.”*

Após esse momento, eu percebi em como eu como uma futura docente, posso ensinar utilizando várias formas, cada criança aprende de um jeito, mas o Ravi aprende mais brincando.

Após os meus relatos de momentos vividos ao longo de 1 ano com o Ravi, a escrita desses momentos me permite vivenciar tudo novamente, todos os nossos momentos enriquecedores. Percebendo isso, buscando nas minhas memórias, posso ver que sem a afetividade mútua não haveria brincadeira, se eu não tivesse me esforçado para que o Ravi pudesse me ver como uma figura de referência, eu não estaria vivendo esse momento dessa escrita que está sendo enriquecedora para mim.

A afetividade faz parte da educação, a meu ver, é uma das partes mais importantes do desenvolvimento cognitivo e pessoal de uma criança. Mas é muito necessário um esforço do docente para realizar essa troca de sentimentos, a criança também precisa estar aberta para fazer com que você se torne uma referência para ela.

COM O QUE EU SONHO

Durante o meu 1 ano de vivência como estagiária na educação infantil de uma escola privada, digo com toda a certeza que eu aprendi muito mais do que ensinei, afirmo isso porque eu estou no início da minha carreira como docente, estou ainda me encontrando e abraçando a todas as oportunidades de aprendizagem nesse momento da minha carreira.

Em 1 ano convivendo com o Ravi, digo que esse 1 ano foi o mais enriquecedor e esse 1 ano me marcou muito, e tenho certeza de que esse ano foi que mais me ajudou na minha carreira como docente. Neste ano eu me senti abraçada pela educação infantil e pelo meu aluno de apenas 6 anos, ele com tão pouca idade me impactou positivamente de uma forma que irei lembrar para o resto da minha vida.

Como docente, vivendo todos esses momentos com os meus alunos, em especial o Ravi, em todos os momentos de aflição, de alegria, de desespero e correria, eu lidei da melhor forma possível, com os conhecimentos que eu tinha eu consegui me adaptar a todos os momentos e continuar dando o meu melhor.

Mas como docente, ainda tenho muito para melhorar, e na minha vivência, percebi que também há alguns professores que deveriam ser mais preparados para lidar com crianças que estão no espectro do autismo. A meu ver, as escolas deveriam oferecer momentos de aprendizagem para os professores, especializações e momentos de troca de experiências também entre os docentes.

Digo isso porque em meus momentos dentro da escola eu e a professora regente da turma estudamos muito para atender a todas as especificidades do Ravi, houve um esforço na nossa parte, para mim esses momentos de estudos foram muito necessários, e me agregaram muito.

Agora a meu ver como estudante de pedagogia, também há uma defasagem muito grande nas matérias que irão nos auxiliar para lidar com crianças com neurodivergência. Temos apenas 1 matéria de educação inclusiva, e sinto que durante essa disciplina eu não pude aprender o suficiente como deveríamos. Sinto que aprendi muito mais na prática de estágio do que na disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi escrito na melhor parte da minha graduação, esse trabalho tem como inspiração uma criança que durante 1 ano foi por muitos momentos o meu motivo de sorrir.

O trabalho de conclusão de curso que é considerado o mais difícil do período da graduação, foi para mim o mais desafiador, mas o mais prazeroso em ser feito, por muitas vezes eu não sabia o que escrever e me sentia incapaz de ter uma escrita boa o suficiente para esse artigo, mas durante os meus momentos de reunião com meus orientadores, eles me passaram muita confiança, e eu descobri uma capacidade que eu não sabia que eu tinha.

Esse artigo é vivo, foi escrito por mim e teve um enorme impacto na minha vida, realmente nesse trabalho eu abordei todos os conceitos que eu gostaria de abordar, citei exemplos dos meus momentos, falei sobre a minha trajetória até conseguir chegar a esse momento da escrita.

Para chegar até a escrita desse artigo, eu tive que superar a questão do preconceito social para poder ser uma professora melhor para o Ravi. E claro, essa preparação como docente ainda irá continuar por muito tempo em minha vida, mas superei o primeiro passo para isso, que é vencer o preconceito social.

E eu escrevi de uma forma minha, o que eu gostaria de falar, sei que esse tema é muito delicado, e sei que há muitos outros assuntos relacionados que podem ser abordados, mas absolutamente tudo o que eu gostaria de transmitir através desse trabalho, eu consegui, e me sinto grata, e espero que tenha impacto na vida de outras pessoas que irão ler esse artigo.

E esse trabalho continua em meu cotidiano, sei que há muitos outros aspectos que eu como futura docente preciso melhorar e me especializar, mas esse é o meu repertório por enquanto, com o meu conhecimento, eu consegui escrever até aqui sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zoia Prestes. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, n. 11, p. 23-36, jun. 2008. Disponível em: <https://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> Acesso em: 23 out. 2023.

PEDERIVA, Patrícia; ABREU, Fabrício. L. S. Vigotski e a educação inclusiva: a deficiência enquanto um problema social. **Revista Cocar**, Brasília, ano 2023, n. 19, p. 1-16, 30 nov. 2022.

FERREIRA, Gabriella Rossetti; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A importância da afetividade na educação. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 88-103, jan./jun. 2019.e-ISSN: 2594-8385. DOI:<https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.12003>

VIGOTSKI, Lev. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-14, 1 jun. 2008.

SOBRAL, Renata; NASCIMENTO, Letícia. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA CRIANÇAS COM TEA: UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE. **VI Seminário Nacional de Educação Especial**, Espírito Santo, v. 3, n. 3, p. 1-16, 22 fev. 2021.

MARTINS, Alessandra; GÓES, Maria. Um estudo sobre o brincar de crianças autistas na perspectiva histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 25-34, 31 jan. 2013.

SILVA, Maria; COSTA, Marina; ABREU, Fabrício; SILVA, Daniele. O BRINCAR DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: FLEXIBILIZAÇÃO DO USO DO BRINQUEDO EM SITUAÇÕES IMAGINÁRIAS. **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-20, 29 dez. 2021.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Instituto de Medicina Social**, Rio de Janeiro, p. 1-11, 20 jan. 2009.

APÊNDICE

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Assinado por responsável e arquivado com a pesquisadora

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Autismo e o Desenvolvimento das Emoções no Contexto de Socialização no Ambiente Escolar**”, de responsabilidade de **Helena Ferreira do Nascimento**, aluno(a) de **Pedagogia** da **Universidade de Brasília**. A pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso é orientada pelo professor Saulo Pequeno Nogueira Florencio, professor na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, matrícula 1625556. O objetivo desta pesquisa é *compreender o desenvolvimento das emoções de uma criança dentro do Espectro Autista no contexto de socialização no ambiente escolar*. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Desta forma, por meio deste Termo, solicito a autorização dos pais e responsáveis do estudante Ravi [REDACTED], o consentimento livre e esclarecido e a autorização, neste Termo, para a realização da referida pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Os dados provenientes da participação do Ravi na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa. *Para esta pesquisa, utilizarei minhas experiências, observações e reflexões no tempo de realização do Estágio como estudante de pedagogia na sala de aula do estudante Ravi. Não serão utilizadas entrevistas, gravações, imagens ou qualquer mecanismo que viole a integridade do estudante em questão ou o exponha de qualquer maneira não acordada neste Termo.*

A coleta de dados será realizada por meio de memórias e observações das experiências da pesquisadora na condição de estagiária de pedagogia e serão apresentados na pesquisa em forma de relatos de experiência. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar, por meio da sua autorização. Sua participação (autorização) na pesquisa não implica em nenhum risco de exposição ou violação de direitos do estudante Ravi [REDACTED].

Espera-se com esta pesquisa *contribuir com a compreensão a respeito do autismo e do desenvolvimento das crianças neurodivergentes no ambiente escolar.*

Sua autorização é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua autorização a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone [REDACTED] ou pelo e-mail [REDACTED].

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de *entrega impressa da pesquisa*, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante/responsável
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Brasília, data: [REDACTED]